

Economia em ritmo mais lento

Os sinais de desaceleração são localizados, mas já assustam os empresários

por Maria Aparecida Damasco
de São Paulo

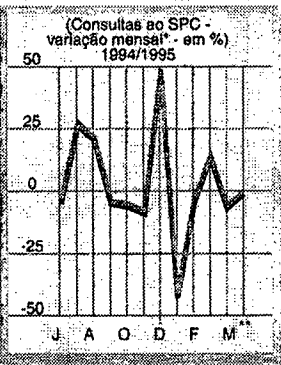
Os empresários começam a administrar seus negócios com um olho no mapa de vendas e o outro nas manobras dos integrantes da equipe econômica. Os sinais de desaceleração na atividade econômica, em maio, são inequívocos — embora localizados em alguns setores específicos, como aparelhos eletroeletrônicos domésticos, vestuário e embalagens. E a perspectiva de estancamento desse processo depende do afrouxamento da política de juros e crédito e da manutenção do poder de compra dos salários, a partir da desindexação da economia, na virada do primeiro para o segundo ano do Real.

Por enquanto, o principal indicador global de redução no ritmo dos negócios é o nível de emprego na indústria paulista, apurado pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP). Desde setembro passado, o emprego no setor estava em alta. Nas duas primeiras semanas de maio, contudo, voltou a cair. A redução ainda é pequena: menos 0,12%, ou o correspondente à demissão de 2.995 trabalhadores. Mas a mudança de sinal é sintomática. “O emprego vinha crescendo menos do que a atividade econômica, inclusive por conta da tendência de terceirização”, avalia o economista Antonio Evaristo Lanzana, da Universidade de São Paulo (USP). “Portanto, a queda de agora pode significar uma redução ainda maior na atividade.”

Outro indicador que aponta a mesma tendência é o desempenho das micro e pequenas empresas, segundo levantamento do Sebrae. Em abril, as vendas reais das micro e pequenas indústrias já estavam 12,7% abaixo do resultado verificado no mês anterior. No comércio, a queda era ainda mais acentuada (13,7%) e provocava uma redução de 0,6% no pessoal ocupado pelo setor.

As estatísticas, contudo, não são o único termômetro do esfriamento da economia. Dentro da ciclotimia que ca-

Comércio varejista



Fonte: ACSP e Centro de Informações da Gazeta Mercantil
* Sobre o mês anterior
** Variação entre 24/04 e 24/05.

racteriza o País, observa-se agora uma mudança radical no astral de empresários e executivos. Em poucos dias, passou-se de um clima de economia superaquecida — e aparentemente imune ao progressivo cerco ao consumo imposto pelo governo — ao de uma economia à beira da recessão. Exageros à parte — e os exageros são muitos, nos dois extremos —, o fato é que a economia está andando bem mais devagar. As romarias de empresários e políticos aos gabinetes do Planalto, para pedir mudanças na política de juros e câmbio, mostram, no fundo, uma apreensão em relação a essa mudança de ritmo.

Na ponta do comércio, o momento é de ressaca do consumo, depois da euforia do Dia das Mães. Mas ainda é precipitado prever que a queda sazonal de vendas vá arrastar-se por mais tempo e aprofundar-se. A média diária de consultas ao Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), na cidade de São Paulo, caiu de 35.399, na semana anterior ao Dia das Mães para 27.618, na seguinte, e daí para 26.177, entre segunda e quarta-feira. Com isso, o número de consultas acumuladas até o dia 24 de maio deve ficar apenas 0,95% acima do registrado em abril, apesar do estímulo sazonal do Dia das Mães. “O mercado deixou de ser firme”, comenta o economista Emílio Alfieri, da Associação Comercial do Estado de São Paulo. “Vol-

tamos a depender de datas comemorativas.”

O impacto dessa mudança de degrau do consumo sobre a indústria é, evidentemente, diferenciado. Os setores que não vinham dando conta da demanda encaram a atual redução das encomendas como uma possibilidade de normalização das operações. “As indústrias contabilizavam pedidos que não tinham condições de atender”, explica Alfieri. “Portanto, o que está havendo agora é corte de vento.” Os setores, porém, que trabalham num ambiente competitivo, irão sentir-se mais de uma queda das encomendas.

A indústria de aparelhos eletrônicos domésticos está no primeiro caso. Milton Strejman, da Philco Amazônia, reconhece que o cenário atual é bastante diferente de três semanas atrás — quando o desafio das empresas era encontrar componentes para suprir a demanda. O tranco no crédito imposto pelo governo foi acentuado pelos efeitos da concordata da Casa Centro — e agora começa a se instalar no mercado um clima de forte intranquilidade. O executivo, contudo, acredita mais numa redução das taxas de crescimento das vendas do que numa queda efetiva. “O crescimento

anual do setor, que estava em cerca de 30%, vai acabar passando para 15 a 20%”, arrisca.

A indústria do vestuário não enfrentava excesso de demanda. Portanto, enfrenta agora uma queda brusca e forte no nível de encomendas. O diretor de marketing da Hering Têxtil, Fábio Hering, garante que houve uma redução drástica dos pedidos para junho — da ordem de 30 a 35% em comparação com o mês anterior. E tem uma queixa adicional do quadro econômico atual. A taxa de inadimplência dos clientes saltou de 4,5 para 8,9%. As esperanças de Hering concentram-se agora em fatores tipicamente sazonais, como a entrada do frio e o Dia dos Namorados.

Nos setores de bens de menor valor, tudo indica que a virada ainda não chegou. Não só porque, nesse caso, as vendas não se sustentam em crédito como também porque a renda do consumidor continua razoavelmente preservada. Além disso, começa agora a entrar no mercado algo como R\$ 1,5 bilhão a R\$ 2 bilhões adicionais ao mês, por conta do aumento do salário mínimo para R\$ 100. Ainda que parte desses recursos seja utilizada para tapar buracos no orçamento

doméstico, não se pode desprezar seu efeito sobre o consumo de artigos mais baratos. A Parmalat, por exemplo, assegura que, por enquanto, está a salvo da contenção da demanda — e, do Real para cá, as vendas de iogurtes aumentaram 33% e as de leite pasteurizado, 15%. Na Gessy Lever, o quadro é semelhante: segundo Ronald Rodrigues, diretor de assuntos corporativos da empresa, se houver alguma queda no fechamento de maio ela será de apenas 5%.

Se há um certo consenso de que a desaceleração chegou, embora ainda seja localizada e não muito intensa, há também muitas incertezas quanto à evolução desse processo. Os integrantes da equipe econômica vêm batendo na tecla de que seria insanidade perseguir uma recessão. O objetivo é apenas trazer o crescimento da economia dos 10,5% registrados no primeiro trimestre para 5% — taxa considerada suportável num processo de estabilização. Portanto, o que estaria ocorrendo agora é a abertura de um “buraco” na atividade econômica para, até junho ou julho, ajustá-la a um novo ritmo de operação. A pilotagem dessa mudança é o grande desafio do governo, a curto prazo.